

OFICINAS DE SENSIBILIZAÇÃO SOBRE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO: ONDE TUDO COMEÇA

MARIA LÚCIA BORGES BRETANHA¹; BEATRIZ DE FREITAS
CORRÊA²; TAIS LILGE SCHEER³; SHAIANE LESSA DOS SANTOS⁴;
BEATRIZ CLASSEN VIANA⁵ RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – mariabretanha11@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – biatriz55hotmail@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – lilgescheertais@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – shaianelessadossantos44@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – beatrizcviana00@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – rita.cassia@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

É sabida a importância de prover a inclusão em todos os ambientes, assim como o ensino fundamental é a etapa norteadora da vida escolar dos jovens. O presente projeto foi desenvolvido para despertar nos alunos a conscientização sobre a temática inclusão. Anteriormente escrito com enfoque nos alunos da graduação, o atual formato do projeto visa chegar nas escolas de Educação Básica. O Brasil conta com cerca de 47 milhões de alunos matriculados no ensino básico, desses, apenas 1.3 milhão são pessoas com deficiência, e a partir do avanço na escolarização esse número cai, porém de forma mais desigual quando comparado aos PCDs. De acordo com o Censo de Ensino Superior de 2022 dos 1.3 milhão de alunos matriculados no ensino básico, apenas 79.262 ingressam na universidade e desses, apenas 5 mil concluem a graduação INEP (2022).

Analisando os dados percebe-se que a taxa de analfabetismo entre pessoas com deficiência foi de 19,5%, enquanto para aquelas sem deficiência foi de 4,1%. Esse índice também reflete as desigualdades regionais, sendo mais elevado no Nordeste (31,2%) e mais baixo no Sul (12,7%). Entre as pessoas com 25 anos ou mais com deficiência, a maioria não completou a educação básica: 63,3% não tinham instrução ou haviam concluído apenas parte do ensino fundamental, e 11,1% tinham o fundamental completo ou o ensino médio incompleto. Para as pessoas sem deficiência, esses percentuais foram de 29,9% e 12,8%, respectivamente. Apenas 25,6% das pessoas com deficiência haviam concluído pelo menos o ensino médio, enquanto mais da metade das pessoas sem deficiência (57,3%) atingiram esse nível de escolaridade. No ensino superior, 7,0% das pessoas com deficiência tinham diploma, comparado a 20,9% entre aquelas sem deficiência.

De acordo com o Censo da Educação Básica de 2023, o número de alunos com deficiência matriculados no ensino fundamental foi de 1.028.582. No entanto, o Censo do Ensino Superior de 2022 registrou apenas 79.262 alunos com deficiência matriculados nesse nível de ensino, e apenas 5.020 concluíram seus cursos em 2022.

Com base nos dados trazidos, é possível o questionamento sobre as causas do abandono e os baixos ingressos no ensino superior. Neste sentido, o projeto de extensão busca sensibilizar, conscientizar e auxiliar na inclusão social e educacional de pessoas com deficiência.

2. METODOLOGIA

Como este relato integra um projeto mais amplo em desenvolvimento, segue a metodologia proposta pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cognição e Aprendizado NEPCA para a proposta, da qual consiste em realizações de oficinas e divulgações com vivências e diálogos sobre acessibilidade e inclusão.

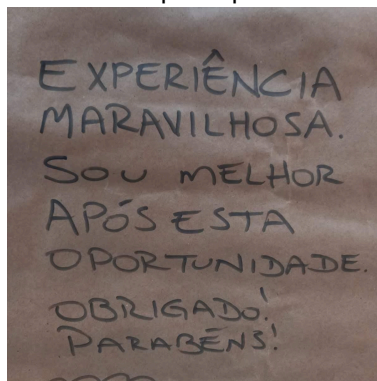
O projeto propõe uma sala sensorial, onde de forma individual o aluno irá passar por uma experiência única, intensificando seus sentidos. O participante vendado estará em um ambiente escuro, para auxiliar no aproveitamento de cada desafio que lhe for proposto. Então, passará por um trajeto com cheiros, texturas e obstáculos, fazendo o aluno permitir-se sentir o ambiente que lhe foi inserido. Ao final, o mesmo, pode expor sua experiência, de forma anônima ou não, através de um cartaz exposto para todos os alunos lerem, assim poderá despertar interesse nos demais colegas. Com a alteração de ensino para extensão foi necessário fazer alterações no formato para tornar mais atrativo, com isso, além da oficina, também ficam expostos materiais de apoio que auxiliarão em diversas deficiências, como motoras, físicas e intelectuais. Esses materiais expostos instigam curiosidade nos alunos, fazendo com que os mesmos se questionem sobre o uso e também, sobre a não disseminação dos mesmos na escola.

O ato de conscientizar as pessoas através de oficinas, conversas informais e aulas mais dinâmicas e a oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir- pensar -agir, com objetivos pedagógicos, se torna eficaz por que podemos caracterizá-las como uma forma de construir conhecimento a partir da ação-reflexão-ação. (DO VALLE; ARRIADA, 2012, p.4).

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A oficina Sensorial foi exposta na 9ª SIIPE e obteve valiosos relatos. Contou com o público da universidade, sendo colegas e professores, comunidade dos arredores do Campus da Arquitetura, e até mesmo pessoas que a rede social alcançou, trazendo participantes de outras cidades. Esses que já tinham como hobby ou objeto de estudo a visita em salas sensoriais, oportunizou uma troca de experiência enriquecedora, contando com críticas construtivas.

Figura 1: Relato de um participante da oficina na 9ª SIIPE



Fonte: Autoria própria.

Outra exposição foi na mostra de cursos da UFPEL em 2024, da qual nos trouxe a oportunidade de mostrar aos alunos da educação básica a importância da inclusão na universidade e também para os colegas do ensino superior. Foram

inúmeros relatos, alunos encantados com o projeto, colegas da universidade observando a importância de se ter projetos assim e professores contaram a importância, porém admitiram não ver muito sobre na universidade. Para chamar a atenção dos adolescentes foram incorporados à bancada objetos que causam interesse na maioria das pessoas, os materiais de tecnologia assistiva, do qual dão apoio para pessoas com deficiência que auxiliam no aprendizado. Isso despertou interesse no funcionamento, atividade que exercia e a quem auxiliava. Esse tipo de conteúdo se tornou benéfico para tarde pelo fato de tornar visível a inclusão, mostrando que a universidade está sim se preparando e tem como buscar informação.

Em exposição tinha mouses adaptados, munhequeiras de peso, fone anti ruído, materiais para autorregulação, máquina de escrever em braille, esses equipamentos despertaram interesse nos alunos para saberem quem poderia usar, e como usar e também houve os alunos que já os conheciam, principalmente os brinquedos de autorregulação utilizado, principalmente, por autistas. Também foi possível fazer a dinâmica da caixa sensorial, que nada mais era do que uma caixa com diversos objetos de diferentes texturas dentro, a qual as pessoas colocam a mão, os alunos apreciaram a dinâmica convidando seus colegas a também experienciarem. Na ocasião, foi possível conversar com os alunos de forma muito aberta e informal, passando o cenário atual da inclusão na sociedade e instituições de ensino, o que oportunizou as autoras refletirem sobre a temática nas escolas. Este é um assunto que chama sim a atenção dos alunos, muitos estão preocupados com o futuro dos colegas, mas pouco se é falado em sala de aula, o que inviabiliza a causa. As figuras 3 e 4, mostram a equipe posta a apresentar o projeto e a dinâmica com duas alunas de uma escola de ensino médio da cidade.

Figura 3: Alunas Maria Lúcia, Shaiane, Beatriz e Taís na mostra de cursos UFPEL 2024



Fonte: Autoria própria

Figura 4: Dinâmica da caixa sensorial com Alunas do Ensino Médio



Fonte: Autoria própria

4. CONSIDERAÇÕES

Essa experiência confirma a importância de projetos desse teor não apenas na universidade, mas dentro das escolas. Entendemos que conscientizar as pessoas sobre assuntos tão emergentes não é fácil, mas perceber que mais uma vez a educação é o caminho foi um acalento. Percebemos que os jovens estão sim buscando por informações, basta chegar até eles, no formato mais intimista e educativo, como em projetos e momentos como os apresentados por nosso grupo, dessa forma, teremos adultos mais responsáveis e preocupados com o ambiente que os cerca.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2022: notas estatísticas. Disponível em
<<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>> Acesso em 09/10/2024

BRETANHA, Maria. Oficinas De Sensibilização Para Alunos Dos Cursos De Graduação Da Universidade Federal De Pelotas Sobre Acessibilidade E Inclusão. In: SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO PESQUISA E EXTENSÃO, IX. 2023, Pelotas. **Anais Eletrônicos** [...]. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2023. Disponível em:<https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2023/G1_06185.pdf > Acesso em 08/10/24.

DO VALLE, Hardalla Santos; ARRIADA, Eduardo. “Educar para transformar”: a prática das oficinas. Revista Didática Sistêmica, v. 14, n. 1, p. 3-14, 2012.

YNGAUNIS,Sueli. Ensino superior:uma realidade para poucos. Diário PCD,2024. Disponível em: < Ensino superior: uma realidade para poucos - Diário PcD > Acesso em: 10/10/2024